

Contribuições para pesquisa em educação: bricolagem e feminismo ecossocialista¹

Álvaro Veiga JÚNIOR²
Adriana Lessa CARDOSO³
Marília Claudia Favreto SINANI⁴

RESUMO

Este artigo é fruto de investigação coletiva de integrantes de grupo de pesquisa em educação. Objetiva fazer reflexões a partir da questão: o que o feminismo ecossocialista e a bricolagem poderiam aportar à pesquisa em educação? A bricolagem refuta o *status quo*, beneficiário da hierarquia, do especialismo e da fragmentação do conhecimento. Denuncia o racionalismo monológico, reducionismo do objeto e a neutralidade da ciência; condições do cientificismo e do colonialismo, que geram medo e consciência alienada, facilitando a dominação. Para além de resistir, propõe a implicação do/a pesquisador/a com rigorosidade aos contextos complexos. Concluimos ao utilizar as lentes multifacetadas da bricolagem que a educação e a pesquisa se qualificam com aportes do feminismo ecossocialista ao minar o capitalismo, o patriarcalismo, os racismos, e o classismo protegendo modos de existências plurais e diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Bricolagem. Educação. Feminismo ecossocialista.

¹ Esta pesquisa foi financiada pela CAPES.

² Mestre em Educação Ambiental e Mestre e Doutor em Educação. Universidade Federal de Pelotas. ORCID. <https://orcid.org/0000-0003-2038-6433>. avj.pedagogia@gmail.com

³ Mestra em Geografia e Doutora em Educação. Universidade Federal de Pelotas. ORCID. <https://orcid.org/0000-0003-1824-3062>. E-mail: adrianalessacardoso@gmail.com

⁴ Mestra em Educação e Doutoranda na mesma área no Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5135-9484>. E-mail: profmariliasinani@gmail.com

Contributions to research in education: Bricolage and ecosocialist feminism

Álvaro Veiga JÚNIOR
Adriana Lessa CARDOSO
Marília Claudia Favreto SINÃNI

ABSTRACT

This article is the result of collective research by members of an education research group. It aims to reflect on the question: what could ecosocialist feminism and bricolage contribute to education research? Bricolage refutes the *status quo*, which benefits from hierarchy, specialism, and the fragmentation of knowledge. It denounces monological rationalism, object reductionism, and the neutrality of science—conditions of scientism and colonialism, which generate fear and alienated consciousness, facilitating domination. Beyond resistance, it proposes the rigorous engagement of researchers in complex contexts. Using the multifaceted lens of bricolage, we conclude that education and research benefit from the contributions of ecosocialist feminism by undermining capitalism, patriarchy, racism, and classism, protecting plural and diverse modes of existence.

KEYWORDS: Bricolage. Education. Ecosocialist feminism.

Contribuiciones a la investigación en educación: bricolaje y feminismo ecosocialista

Álvaro Veiga JÚNIOR
Adriana Lessa CARDOSO
Marília Claudia Favreto SINÃNI

RESUMEN

Este trabajo, fruto de escrita colectiva de integrantes de un grupo de investigación en educación, objetiva hacer reflexiones a partir de la cuestión: ¿qué podrían aportar el feminismo ecosocialista y el bricolaje a la investigación en educación? El bricolaje refuta el *status quo*, beneficiario de la jerarquía, del especialismo y de la fragmentación del conocimiento. Denuncia el racionalismo monológico, reduccionismo del objeto y la neutralidad de la ciencia; condiciones del cientificismo y del colonialismo, que generan miedo y conciencia alienada, facilitando la dominación. Además de resistir, propone la implicación del investigador con rigurosidad a los contextos complejos. Concluimos al utilizar las lentes multifacéticas del bricolaje que la educación y la investigación si califican con aportes del feminismo ecosocialista al minar el capitalismo, el patriarcalismo, los racismos y el clasismo, protegiendo modos de existencia plurales y diversos.

PALABRAS CLAVE: Bricolaje. Educación. Feminismo ecosocialista.

Introdução

Este trabalho se caracteriza como estudo de pesquisa qualitativa em educação de cunho teórico-bibliográfico. Ao se situar no campo de pesquisa em educação, investe-se na coerência da intenção em aprender e construir conhecimentos que favoreçam diálogos significativos, advindos de práxis de pesquisa. Por diálogos significativos, entendemos a força de estabelecer critérios relacionais de cunho inteligível e sensível entre pessoas que almejam sociedades melhores para todos/as.

Como contextualização epistemológica, destacamos a importância do incremento de estudos de composição metodológica plural para reunir paradigmas convergentes em contraposição à fragmentação e o reducionismo da ciência tradicional hegemônica. Com o objetivo de contribuir para a metodologia no processo científico, o estudo busca se inserir nas correntes de pesquisa em educação voltadas para a conscientização a partir da realidade. Assim, as decisões e sua fundamentação derivam da incorporação de várias perspectivas teóricas e da análise crítica da totalidade. Isso decorre da concepção da inseparabilidade entre a existência humana e as práticas sociais. Esta indissociabilidade se expressa na recusa de separar a formação humana da produção de conhecimentos, caminho necessário para o desenvolvimento e para a consolidação de uma ciência contemporânea não destrutiva, portanto democratizadora e destinada à humanização ecológica das sociedades.

Não obstante, a afinidade ontológica da interdisciplinaridade com a diversidade na expressão de vida dos sujeitos e com as diferenças de existências no mundo, destaca-se como resposta crítica às limitações das disciplinas e especialidades isoladas. Enquanto estas são necessárias para o aprofundamento, sua aplicação muitas vezes resulta na alienação, perda de sentido da totalidade da realidade e potencial geração de hierarquias, poder político autoritário e elitismo. Denzin e Lincoln (2006) ressaltam que abordagens metodológicas como a interdisciplinaridade e a bricolagem têm ganhado destaque na pesquisa acadêmica e prática educacional, especialmente quando se trata de lidar com a diversidade de expressões de sujeitos e as diferenças de existências no mundo. Essas abordagens proporcionam meios mais integrados e sensíveis para explorar a complexidade da realidade, promovendo uma compreensão mais holística e inclusiva⁵.

Como não é possível trabalhar com a amplitude e a profundidade de perspectivas e paradigmas, propomos a concepção de bricolagem como auxílio na justificativa da delimitação

⁵ O artigo se relaciona centralmente com estudos de embasamento epistemológico para pesquisa de doutoramento do/das professoras desta reflexão. Para mais, queira ver a tese: Teorização do ensino e epistemologia social como potencialidade da educação: a práxis pedagógica permeia a autobiografia (Veiga Júnior, 2023).

epistemológica e no enfrentamento do reducionismo elitista arbitrário do cientificismo. A bricolagem em educação é uma abordagem teórico-metodológica, caracterizada pela abertura ao múltiplo, complexo e interdisciplinar, sensível e aprendente à arte e à investigação filosófica. Uma das atitudes educativas de seu emprego é o/a pesquisador/a mover seu percurso e formação imerso na práxis reciprocamente junto ao fenômeno estudado (Kincheloe e Berry, 2007).

Não abandonando a politicidade das práticas sociais, a bricolagem precisa se manter aberta, provisória e histórica. Em seus valores, sustenta a esperança legada da teoria social crítica na construção de mundo-planeta mais humanizado e justo, incluindo as dimensões inseparáveis, epistemologia e educação, para cultivar projetos solidários e sustentáveis por meio da racionalidade-sensibilidade. Trata-se de desenvolver a percepção holista e integradora. Diante de tal bagagem, pretendemos indagar a respeito do paradigma ecossocialista, junto ao feminismo no sentido de vitalizar a epistemologia fundamentadora da pesquisa em educação.

O paradigma ecossocialista, também conhecido como socialismo verde, vê na expansão do sistema capitalista a causa da exclusão social, da opressão, pobreza e degradação ambiental. A sua criticidade advém da recusa ao *status quo* articulado ao avanço do capitalismo neoliberal. Atualmente, a crise social e ecológica planetária confronta com a era “triumfante” do capitalismo (Fraser, 2009). Quando a ciência se dedica à totalidade e à integração de conhecimentos seus modos de atuar não se separam dos contextos e situações sociais, históricas e geográficas. No desenvolvimento científico existem avanços, mas existem conflitos, danos e perigos. Não obstante, nos referimos à existência de convergências nos conhecimentos acumulados da ciência atual: os perigos e ameaças vivenciados crescentemente advém da crise civilizatória, que tem como matriz a globalização da modernidade ocidental-eurocêntrica, caracterizada por sua condição colonial, classista, racista e patriarcal (Quijano, 2014; Dussel, 1996).

Neste estudo, tal cenário foi tomado como pressuposto e contexto no entrelaçamento da bricolagem com feminismo ecossocialista. É preciso se observar, que a bricolagem não se declara de imediato, mas ela modifica sua metodologia e epistemologia incluindo as perspectivas, socialistas, ecológicas e feministas. Portanto, a questão: “o que o feminismo ecossocialista e a bricolagem poderiam aportar à pesquisa em educação?”, poderia ser vista como problematização de componentes, temas e conceitos direcionados à pesquisa em educação e o valor da educação para a pesquisa em geral. Nesse caminho, nos referenciamos com enfoque principal em: Kincheloe e Berry (2007), Denzin e Lincoln (2006), Guattari (1997), Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), Hooks (2019), Curiel (2007) e Carvajal, (2020), Quijano (2014), Dussel (1996).

A insensibilidade do capitalismo reafirma a difícil tarefa de ser educador/a frente às artimanhas de dominação (Dussel, 1996). Justamente por ser pesquisa em educação pressupomos a construção do conhecimento e de subjetividades com e na educação; mais que em outros campos da ciência, se dedicará à prática formadora das pessoas em sociedade - formação destinada a melhorar as relações individuais, sociais e com a natureza. Se a educação esteve presa ao racionalismo monocultural e ao colonialismo é preciso investir numa nova ética e de acordo com Vargas (2013), deve ser baseada na “reciprocidade e na mutualidade útil à construção de uma nova sensibilidade ambiental”. Portanto, conectada aos contextos complexos da dinâmica social planetária.

Ao experienciarmos aproximações da bricolagem com o feminismo ecossocialista, seguimos caminhos que podem fortalecer a educação como meio de minar o capitalismo, o patriarcalismo, os racismos, e o classismo, protegendo modos de existências plurais e diversos.

Ecologia, filosofia e bricolagem

A experiência em nossa pesquisa educacional considera a bricolagem como a interligação entre metodologia científica e epistemologia. A qualidade científica é alcançada pela produtiva integração de paradigmas responsáveis, levando a reflexão a se concentrar nas potenciais consequências formativas de concepções e condutas alinhadas aos contextos mais amplos, estimulando uma abordagem crítica e criativa diante do atual momento da Terra. Entendemos ser cerne vital da educação pensar as múltiplas influências dos modos de vida, o que fazemos-pensamos por minúsculo que seja, não sabemos, é incerto, precisando ser problematizado a respeito dos efeitos de multiplicação e de estabelecimento de condutas.

Não é demais dizer que as justificativas dos estudos em educação não se contentam com discursos e abstrações, distanciando-se do individualismo da mobilidade social e da competição aniquilante, para reiterar o compromisso qualificador entre o que se diz, sente, pensa e faz, para contribuir com um mundo melhor e mais seguro.

Para iniciarmos a examinar o problema, vamos procurar a noção macroscópica, ou ‘visão’ de conjunto. A caracterização aproximativa, que evita a análise em partes, tem a intenção de mobilizar o pensamento sensibilizando-o rumo a totalidades, sem concluir ou dominar, pois, a separação e o isolamento são justamente atributo do denominado cartesianismo, método linear baseado em certezas fundantes. O planeta Terra, nas proximidades destes dois milênios da era cristã, tem sido estudado por muitos pensadores que procuram identificar padrões, indicadores e conexões.

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a implantação da vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda aspereza (Guattari, 1997, p. 7).

Esta proposta de panorama no conjunto de afirmações qualitativas, parte do concreto, do mensurável e encontra na reflexão filosófica sentido da ordem do estético e do ético. Vejamos que a esfera ética, quando privilegiamos a racionalidade normalmente não trabalha a dimensão do sensível, isto é, a estética. E se ambas forem descoladas do movimento da vida, excluimos a ecologia. Para Japiassú e Marcondes (1996) a estética não se resume à beleza e ao gosto, se refere ao estudo da sensação, naquilo que mobiliza os sentidos e a percepção; e a ética, trata da filosofia prática problematizando a moral.

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (Guattari, 1997, p. 8).

Nestas três esferas, a ecologia se afasta do antropocentrismo dicotômico com a natureza, tem seu sentido original ampliado, incluindo o ser humano entre todos os seres vivos, na interação destes entre si e com o meio. Seus modos de existir abrangem a complexidade do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. A subjetividade, nesta tríade incerta e multidirecional, tensiona a compreensão (ou interpretação) e a criatividade do sentido. A educação é um processo sociocultural-histórico, necessária a construção da subjetividade solidária, que envolve as relações sociais e o ambiente.

Cabe aqui conectar a bricolagem com a hermenêutica filosófica (ou hermenêutica simbiótica), pois, como filosofia, busca a arte do bem viver. O sentido textual emerge apenas nos relacionamentos

que conectam aspectos determinados dos fenômenos, cada uma das partes depende de seu relacionamento com o contexto. Portanto, as partes textuais devem se tornar elementos do “sistema vivo” criado pelo texto em sua totalidade (Kincheloe e Berry, 2007).

A respeito da dimensão criativa do processo interpretativo é possível afirmar que toda a produção de sentido é específica em termos históricos e culturais. Como tal, os propósitos e as perspectivas de diferentes intérpretes nunca são os mesmos e, portanto, devem se desenvolver diferentes passos e procedimentos para serem usados em circunstâncias divergentes [...] A hermenêutica é vazia se não estiver conectada às vicissitudes da vida cotidiana e da luta do ser humano (Kincheloe e Berry, 2007, p. 116).

Na interação do ‘texto’ com a vida, a ética e a estética são fundamentais para a produção de sentido e construção da subjetividade, que tanto melhor será procedente e qualificada por meio da educação, sabendo conhecer e cuidar das interações de seu meio geográfico, histórico e cultural. Na concepção construtiva da realidade, o sentido é criação, emergência social e ambiental. Não é fixo e sim histórico, portanto, nunca é doado do além ou preexiste nos indivíduos.

Uma dimensão importante do aspecto criativo da interpretação envolve o uso da estética no processo hermenêutico e a ontologia relacional do objeto de estudo - percebido como entidade em permanente transformação e movimento, que opera para conectar os vários conceitos e fenômenos. A arte sempre serviu a uma função de ontologia relacional do objeto, ao catalisar a produção de interações e concepções singulares em diversos domínios. A qualidade de estudo da arte pode provocar pesquisadores e analistas de vários tipos a adquirirem nova consciência, a fazerem novas perguntas e abordarem a complexidade de maneira que teriam sido mais difíceis fora do domínio estético (Kincheloe e Berry, 2007, p. 117).

A bricolagem, na conexão do sentir e pensar, visa interações harmônicas criativas entre sujeito e objeto. Por isso, tende a contribuir na construção de consciência articulada com os sentidos, qualificando a percepção e a subjetividade. Aqui, a arte aporta à epistemologia o jogo, a criatividade, o gosto do bem viver. Na busca dessa harmonia criativa, o feminismo ecossocialista rejeita a história do poder colonial na intenção de lutarmos por um mundo menos sofrido e mais justo.

A hermenêutica filosófica, como arte do sentir e pensar, em sua dinâmica dialógico-dialética da realidade moldada pelo poder, é fortalecida com a agência no mundo, no sentido de compreender, conhecer e autoconhecer-se por meio da linguagem-cultura, sempre por se fazer. Concepção que se coaduna na ecosofia, pois nela, sociedade, subjetividade e meio transformam-se e são transformados na práxis não determinista. Onde a realidade não é estática e muito menos determinada, as hierarquizações de classe, gênero, raças e etnias não são representações de mérito, nem tampouco

determinações divinas ou naturais. O pensamento deste sistema de ideias apenas serviu para dominar, classificar e oprimir.

A hegemonia crescente do conhecimento científico moderno na Europa foi sinônimo, em grande parte do espaço colonial, da missão de organizar e disciplinar as populações autóctones. A ciência moderna, com o seu sentido ou ordem e poder, tornou-se um meio de regular as relações entre os 'civilizados' e os 'insubordinados' (Meneses, 2010, p. 224).

O ideário colonial fez acreditar pela força da espada e da pólvora, junto à pregação da bíblia, que as terras do além-mar eram povoadas por seres primitivos, desclassificados como sem alma e sem valor. O sistema capitalista que nos foi legado muda, porém, as consequências negativas continuam afetando as/os mais vulneráveis; a classificação é ativada para “imunizar” as elites e impactar as minorias majoritárias, pobres, mulheres, pessoas racializadas, com sexualidade “desviante”, doentes, velhas/os, crianças, deficientes, “feios/as”, culturas não euro-ocidentais.

Capitalismo significa não apenas um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como objeto de troca. Para que exista capitalismo faz-se necessária a concentração da propriedade dos meios de produção em mão de uma classe social e a presença de outra classe para a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência. Estes requisitos, Marx demonstrou terem sido estabelecidos através de um processo histórico que transformou as antigas relações econômicas dominantes no feudalismo, destruindo-as ao mesmo tempo que se construíram o capitalismo (Blackburn, 2010, p. 39).

Com base na assertiva anterior, o núcleo essencial do capitalismo mantém-se, entretanto, as consequências acumuladas de suas contradições, agravadas pelo crescimento potencializado pela tecnologia, tornam-se mais impactantes neste planeta finito. Como decorrência, vivemos em permanente sensação de impotência e confusão. Para os/as trabalhadores/as o custo de vida parece ser cada vez mais caro, impostos crescentes, taxas, obrigações. Bens e serviços caros e de qualidade incerta. Os utensílios e vestuário têm valor alto se quisermos maior durabilidade e qualidade. Existe burocracia gigantesca para tudo, impaciência e ansiedade. Paira no ar pessimismo sobre coletividade e as outras pessoas. Imagem, forma e aparência são prioridades no jogo da publicidade, contando mais que conteúdo e competência. Com o espaço-tempo mal aproveitados, pessoas vivendo no limite, tendo a saúde precarizada, o/a outro/a passa a ser inimigo/a.

Contribuições para pesquisa em educação:
bricolagem e feminismo ecossocialista

As condições do tempo presente tornam as diferenças culturais e políticas profundamente insidiosas dificultando a luta contra elas. Por um lado, o capitalismo global, mais que o modo de produção é hoje um regime cultural e civilizacional, portanto, estende cada vez mais os seus tentáculos a domínios que dificilmente se concebem como capitalistas, da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da concepção de tempo livre às relações com os que nos estão mais próximos, da avaliação do mérito científico à avaliação moral dos comportamentos que nos afetam. Lutar contra uma dominação cada vez mais polifacetada significa perversamente lutar contra a indefinição entre quem domina e quem é dominado, e, muitas vezes, lutar contra nós próprios (Meneses, 2010, p. 18).

Talvez, evitemos em geral pensar profundamente em nós mesmos/as, em pensar-nos como parte influente das relações sociais. E de nos entendermos como pontes entre as gerações anteriores e as vindouras. Melhor nos distrairmos, pois, consciência muitas vezes ocasiona sofrimento, dor e iniquidade. Funciona melhor exercer o poder onde estamos situados/as, defender a sobrevivência e procurar subir, ao invés de apostar em mudanças que dependam de contextos maiores. Nossa compreensão sobre autoridade e classe dirigente reporta descrédito, competição e discursividade manipuladora.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e desejo (Guattari, 1997, p. 8).

Neste estudo, a crise mundial condiciona a subjetividade humana, porém não é determinante, sendo tarefa da educação crítica envolver mudanças cotidianas e culturais que potencializem revoluções. O feminismo é parte desta revolução e situa o diálogo entre a bricolagem e o ecossocialismo. Hooks (2019, p. 13) considera o feminismo “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”. Para Carvajal (2020, p. 195), “[...] é a luta e a proposta política de vida de qualquer mulher em qualquer lugar do mundo, em qualquer etapa histórica, que tenha se rebelado diante do patriarcado que a oprime”. Curiel (2007) indica o feminismo como crítica colonial, oferecendo “[...] uma nova perspectiva de análise para entendermos de forma mais complexa as relações e entrelaçamentos de raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica”.

Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) contribuem com um manifesto feminista, tendo como base crítica ao feminismo liberal, eurocêntrico e colonial. As autoras buscam visibilizar outros feminismos, feminismos antirracistas, ambientalistas, classistas, trabalhistas e internacionalista. De acordo com o manifesto:

Mulheres como Carolina de Jesus dizem muito de um feminismo profundamente necessário. Mulheres como ela não podem ficar de fora do nosso feminismo. O feminismo é uma urgência no mundo. O feminismo é uma urgência na América Latina. O feminismo é uma urgência no Brasil. Mas é preciso afirmar que nem todo feminismo liberta, emancipa e acolhe o conjunto de mulheres que carregam tantas dores nas costas. E não é possível que nosso feminismo deixe corpos pelo caminho. Não há liberdade possível se a maioria das mulheres não couber nela (Petroni, 2019, p. 16).

No manifesto, as autoras são precisas ao destacar a preocupação crítica na qual expressa que nem todo o feminismo é igualmente libertador e inclusivo. Essa preocupação nos convida a pensar em como o feminismo pode ser diverso em suas abordagens e impactos. Além disso, devemos considerar que algumas formas de feminismo podem excluir ou negligenciar experiências e dores de certos grupos de mulheres, o que não é aceitável. O pensamento de Petroni (2019) nos lembra que o feminismo deve ser uma força unificadora em busca da liberdade e da emancipação de todas as mulheres. Tal movimento precisa garantir que nenhuma seja deixada para trás. Por isso, trata-se de um chamado à reflexão sobre como tornar o feminismo mais inclusivo e eficaz em sua luta pela igualdade de gênero, o que contribui para nosso entendimento do feminismo como ação educativa.

Desse modo, para uma aproximação com a bricolagem, ou vice-versa, vamos dar destaque para a tese número nove do manifesto: lutando para reverter a destruição da Terra pelo capital, o feminismo para os 99% é ecossocialista.

Se a crise ecológica de hoje está diretamente vinculada ao capitalismo, ela também reproduz e agrava a opressão das mulheres. As mulheres ocupam as linhas de frente da atual crise ecológica, constituindo 80% das pessoas refugiadas em função do clima. No sul global, elas constituem a vasta maioria da força de trabalho rural, ao mesmo tempo que carregam a responsabilidade pela maior parte do trabalho de reprodução social. Devido ao seu papel central em promover alimentação, vestimenta e abrigo para família, as mulheres representam parcela descomunal no trabalho de lidar com a seca, a poluição e a superexploração da terra. De forma semelhante, no Norte global as mulheres pobres de grupos étnicos minoritários estão desproporcionalmente vulneráveis. “As mulheres também estão na linha de frente das lutas contra a crescente catástrofe ecológica” (Aruzza, Bhattacharya e Fraser, 2019, p. 84-85).

Quando observamos o mundo moldado por uma crise social e ambiental, pela matriz capitalista, patriarcal e colonialista, fica claro que essa estrutura histórica excluiu e oprimiu grande parte da população, especialmente mulheres e demais grupos marginalizados. Portanto, nada é mais revolucionário e essencial do que ouvir o diálogo com essas parcelas da sociedade que foram sistematicamente relegadas e subjugadas ao longo da história. Também cabe dizer a esse respeito, ao

se considerar e valorizar as perspectivas e experiências das pessoas vulneráveis, que podemos construir soluções mais eficazes para os problemas sociais, econômicos e ambientais que enfrentamos. Isso não apenas promove a justiça social, mas também enriquece nossa compreensão do mundo. Para nos aproximarmos de uma noção de justiça menos abstrata, é preciso situar o ponto de percepção da cientificidade, explicitar a materialidade da subjetividade que argumenta se afastando da pretensa neutralidade.

É fundamental que a academia desenvolva e aprimore metodologias investigativas que se aproximem das vivências mais profundas das mulheres, pois grande parte de suas experiências de vida e de formação mais significativas são presentes ou advindas dos espaços privados e, dessa forma, pouco visíveis (Eggert e Silva, 2012, p. 16).

De acordo com os estudos das autoras, é necessário abordar a pesquisa de maneira mais específica quando se trata das experiências das mulheres junto a outras condições sociais desconsideradas pela ciência convencional. Isso implica que as metodologias de pesquisa tradicionais não podem ser adequadas para compreender as nuances de uma sociedade inclusiva para as mulheres, e, claro, para as demais minorias majoritárias.

No sentido do espírito básico da bricolagem há o esforço para desenvolver outras formas de produção de conhecimento, que sejam diretamente conectadas ao que chamamos de novo rigor em pesquisa. Escolhendo as melhores ideias dos novos paradigmas, educadores/as buscam rigorosidade, valendo-se de conceitos como a importância do relacionamento nos quadros epistemológicos e ontológicos. A hermenêutica como arte da compreensão, por ser filosófica, também é denominada de hermenêutica simbiótica ao se referir à sua especificidade ecológica de gerar propriedades emergentes e autorregenerar vidas.

No relacionamento simbiótico, emergem novas ideias e formas de pensar sobre conhecer e pesquisar. A consciência ecológica gerada pelo conhecimento das infinitas formas com que os fenômenos estão conectados reside no coração da hermenêutica simbiótica. As disciplinas não podem permanecer as mesmas quando encontrarem relacionamentos gerativos, sendo considerado como a dimensão básica do trabalho com conhecimento (Kincheloe e Berry, 2007, p. 80).

A bricolagem tem se apoiado nas contribuições do trabalho de teóricas feministas das últimas décadas, movendo a pesquisa em educação e escolhendo cuidadosamente caminhos a partir do repertório paradigmático das disciplinas. É importante observar que a constituição das disciplinas tem forte componente cultural e etnocêntrico (nem sempre explícitos) em sua delimitação e objetividade,

pois, para operacionalizar e se inserir em instituições, necessitaram normalizar determinados valores como válidos e desprezar outros. A busca de concretude na realidade, nos ajuda a entender a base ecológica do conceito de relacionalidade, repensar a disciplinaridade e o trabalho com o conhecimento que ela sustenta (Kincheloe e Berry, 2007, p. 76-77).

Figura 1 - Esquema relacional dos principais conceitos.



Fonte: Arquivo pessoal.

De acordo com a figura acima, a bricolagem abre para concepções inovadoras com aporte da complexidade ao mundo e a necessidade de diálogo entre as diversas teorias, principalmente as teorias feministas de viés ecológico, que certamente vêm contribuindo para um novo paradigma científico. Por combinar desenvolvimento perceptivo com abertura e inclusão torna esta abordagem capaz de responder a problemas que atravessam a todos/as. Neste sentido, o pensamento feminista consiste num apoio central para desafiar o sistema mundo colonial moderno.

A capacidade de estabelecer relacionamentos com a diferença é aumentada por alguns fatores. A hermenêutica simbiótica, confere grandes possibilidades na comunicação global, que potencialmente permite a comunicação de todos com todos. [...] e vêm grandes perspectivas na rebelião anticolonial contínua, mas sempre contestada, que surgiu na África, na América Latina e em muitas partes da Ásia. Essa rebelião serviu de pano de fundo e catalisou conceitualmente o movimento pelos direitos civis, o movimento de mulheres, o movimento contra a Guerra do Vietnã e o movimento pelos direitos dos homossexuais nos EUA [...] incluindo aqueles dos povos indígenas em todo mundo, podem ser vinculados a um pós-colonialismo mais geral, que expressa suas origens nesses movimentos globais de libertação (Kincheloe e Berry, 2007, p. 80).

Por educação crítica entendemos a formação em sociedade, em que estas sociedades tenham como horizonte, a justiça, segurança, equidade e humanização não antropocêntrica; convívio com as diferenças, sustentabilidade e equilíbrio ecológico. Entre epistemologia e educação existe relação de dupla via, se na modernidade a razão monocultural reduziu e fragmentou a educação, na contemporaneidade, vem se buscando conexões entre sentir e pensar.

A pesquisa qualitativa em educação, inspirada pela bricolagem, envolve usar certo número de ferramentas e poder constituir a totalidade do corpus de pesquisa. A delimitação e abrangência é dada pela experiência que move o estudo, vive, aprende e cata. Coleciona objetos e ocorrências que acha, se depara quando realiza sua procura desejante (Denzin e Lincoln, 2006).

Existe uma associação entre educação e epistemologia que pouco é ensinada, talvez por herança do cientificismo (Dussel, 1996). Nossa argumentação pressupõe que a educação é necessária para constituir a epistemologia, pois não há ciência complexa e integrada, ou mesmo a possibilidade de se obter metaciência (na epistemologia é quando a ciência avalia sistematicamente a própria ciência), sem haver educação avançada que envolva as dimensões ética e estética. A epistemologia é necessária para configurar a metodologia de pesquisa, voltada a construir conhecimentos procedentes para todas as pessoas e para a sociedade. Para além do cientificismo, compreendemos a bricolagem como perspectiva teórico-metodológica que nos dá abertura para não reproduzir separações, a exemplo a dicotomia do sentir e pensar. A educação busca o desenvolvimento integral do/a pesquisador/a, apesar da incerteza e do movimento da realidade no mundo contemporâneo.

O pesquisador qualitativo pode assumir imagens múltiplas e marcadas pelo gênero: naturalista, pesquisador de campo, jornalista, crítico social, artista, ator, músico de jazz, produtor de filmes, confeccionador de colchas, ensaísta. A diversidade de práticas metodológicas da pesquisa qualitativa pode ser vista como suave, um termo que engloba áreas de estudo que interpretam o comportamento humano, as instituições, a sociedade, com base em investigações científicas para as quais é difícil estabelecer critérios exatos. É uma abordagem prenhe de sentido na sua composição sem as marcas disciplinares das ciências exatas (Denzin e Lincoln, 2006, p. 20).

Nos referimos à ética como dimensão filosófica da moral prática, ao buscar o bem viver em sociedade. A estética aborda o desenvolvimento da percepção, emoções, sensibilidade relacionadas ao ser social e suas interações com o repertório cultural da civilização. O indivíduo é influenciado pela formação social, tornando essencial a ligação entre estética e ética. Dessa forma, a estética está vinculada aos limites da liberdade, dignidade individual e coletiva. Essa interação ética e estética abre caminho para os domínios da sensibilidade, criatividade e interpretação do sentido humano. A ética,

assim como a estética necessita da educação para formar a consciência do limite social e da reciprocidade (Japiassú e Marcondes, 1996).

O feminismo ecossocialista é uma perspectiva de mundo interdependente da educação ética e estética, seja escolar, acadêmica ou não. Envolve modos de vida que podem revolucionar especialmente transformando pessoas e preservando a ecosfera. Por sua vez, a reciprocidade dialógico-dialética não é apenas esquema discursivo, mas práxis na realidade, onde a educação precisa estar aberta à expressão das pessoas desfavorecidas, oprimidas, sendo sensível aos seus desejos e saberes.

A bricolagem nos dispõe a aprender

Diante do colonialismo a consciência crítica permite revelar os processos geradores dos produtos de ensino, nos aproximando dos contextos solidários entre subjetividades, sociedade e meio. Entre mudar e manter a formação filosófica do/a pesquisador/a é de fundamental importância, pois, além de esclarecer quais são os pressupostos teóricos e éticos que o/a atravessam e o/a constituem, pode também capacitar a perceber as características epistemológicas, ontológicas, políticas, estéticas e éticas presentes no tema, problema e no contexto a ser pesquisado (Kincheloe e Berry, 2007).

Entendemos a formação filosófica não no sentido clássico, de campo disciplinar, de história evolucionista e especialismo; pelo contrário, nela pressupomos a concepção de ecosofia, no direcionamento situado para a interdisciplinaridade profunda, holista e complexa. Concepção que incentiva a humildade, curiosidade crítica e a autonomia solidária. Entretanto, há o descontentamento com a formação oficial institucional, e, portanto, trata-se de busca para a vida toda, sempre incompleta e por se fazer, igualmente incerta e que transcende ao individualismo. Esta proposta teórico-metodológica não se pretende superior ou mais atual. Não se trata de rivalidade e emulação. Na fertilidade do sentir e pensar, afeto e comprometimento fazem parte da nossa existência com o mundo.

Talvez possa se explicar, de modo sensível, que o ser humano tende ao seu desenvolvimento completo e integral e quem sabe se isto propicie saúde, bem-estar, alegria e paz. Este pressuposto tem algo de generalização e essencialidade, pois existem inúmeras diferenças genéticas, fenotípicas e culturais na humanidade. Contudo, o padrão oposto é o da modernidade industrial, ligada ao egocentrismo, à reificação, à divisão social, bem como à alienação do trabalho (Dussel, 1996). Além disso, “a maquinação moderna” supervaloriza a especialização que causa dependências extremas e, por conseguinte, exploração dos excluídos deste sistema (Fraser, 2009).

Certamente, a busca por um mundo mais esperançoso e inclusivo nos leva a considerar diversos paradigmas, como o feminismo, a ecologia e o ecossocialismo, que se mostram convergentes em seus esforços. Ao explorar esses caminhos, encontramos a essência da educação, que desempenha papel fundamental na formação de indivíduos que podem contribuir de maneira significativa para a sociedade.

O feminismo nos ensina sobre a importância da igualdade de gênero e da valorização de todas as vozes, independentemente de seu sexo. A ecologia nos alerta para a necessidade de cuidar do nosso planeta e promover equilíbrio sustentável entre a humanidade e a natureza. E o ecossocialismo nos convida a compensar nossas estruturas sociais e econômicas para garantir que a justiça social seja constituidora da realidade. Esses paradigmas nos lembram que a educação não deve ser apenas sobre a transmissão de conhecimento, mas também sobre o desenvolvimento integral das pessoas. Isso inclui a promoção da sensibilidade, empatia e compreensão, além da racionalidade. Devemos cultivar a capacidade de pensar criticamente, ao mesmo tempo em que nutrimos a capacidade de sentir e se conectar com os outros.

Na consciência crítica é possível reeducar, os modos individualistas ou mesmo gregários para não servir ao colonialismo, racismo, classismo, patriarcalismo (Aruzza, Bhattacharya e Fraser, 2019). Sendo estas condições desumanizadoras combinadas, cada vez mais estarão implicadas na degradação local e planetária – considerado o capitalismo em suas mutações e crises, nas suas contradições, resultam na destruição; guerras, fome, contaminações, extermínios, epidemias. Desventuras que não são aleatórias, e geram lucros para os mais “aptos” e menos éticos.

A bricolagem entendida como perspectiva teórico-metodológica é uma práxis sempre por se fazer e nos ajuda a compreender sentidos dos aportes do feminismo e da educação anticapitalista, anticolonialista - e assim, antipatriarcal, antirracista e anticlassista (Kincheloe e Berry, 2007). Apesar da interação das violências e desvalorizações é possível mudar e não se contentar em sobreviver, sofrer e resistir, cultivando práticas solidárias e sustentáveis. Inúmeros exemplos existem, como outras maneiras de produzir ciência, arte e filosofia: agricultura ecológica, construção de moradias sustentáveis, ecovilas, hortas comunitárias, ativismos e participação política (Carvajal, 2020).

Nesse contexto, não basta apenas resistir; é crucial buscar não apenas a sobrevivência, mas uma vida de qualidade na sociedade. As pesquisas em educação têm desempenhado papel fundamental ao adotar a bricolagem, demonstrando que a educação é mais do que mera transmissão de conhecimento. Ela envolve a construção de habilidades adaptativas e a capacidade de lidar com desafios em constante evolução. Incentiva a curiosidade crítica e ao mesmo tempo criativa;

Essa abordagem nos leva a refletir sobre as conexões entre ética e estética, mesmo em contextos incertos e frequentemente desfavoráveis. Em vez de serem consideradas separadamente, a ética e a estética podem ser entrelaçadas, permitindo-nos encontrar beleza e significado em nossa busca por uma sociedade mais justa e equânime.

Essa busca requer que a educação seja simultaneamente crítica e criativa, capaz de questionar as normas existentes e imaginar novos caminhos. Inspirada pelo feminismo ecossocialista, essa educação nos ensina a importância de integrar valores de igualdade de gênero, raça, classe social, sustentabilidade e justiça social em nosso processo de aprendizagem no e para o mundo.

Considerações finais

De acordo com a nossa argumentação, compreendemos a necessidade da epistemologia para a educação e da educação para a epistemologia. Na contemporaneidade, o capitalismo tem indicado avançar nos seus efeitos danosos à sociedade e ao ambiente. Em contraponto, a bricolagem pode incentivar o desenvolvimento da abertura, sensibilidade e curiosidade na pesquisa em educação, vinculadas com responsabilidade e reconhecimento das contribuições da ciência. As relações criativas entre subjetividade, sociedade e meio constituem horizontes para a pesquisa em educação.

A bricolagem e o feminismo ecossocialista por serem criativos, no âmbito político e cultural, se torna uma cosmo percepção multiplicável a partir de pequenas revoluções. Na inconformidade com o reducionismo e a dominação, tensiona aproximações entre epistemologia e educação, procurando soluções de modo comunitário e solidário para ‘harmonizar’ diferenças e questionar intolerâncias, promover equidade, sustentabilidade para os ecossistemas e para o planeta.

Chegamos à conclusão de que a epistemologia e a educação podem ser qualificadas significativamente com as contribuições do feminismo ecossocialista. Tratando de uma esfera muito impactada e pouco visibilizada parte da consciência e do fortalecimento coletivo das mulheres em diferentes graus de vulnerabilidade, exploração e desvalorização. Reconhecemos a importância de destacar a recusa do feminismo ao colonialismo, esse sistema que historicamente se caracterizou pelo genocídio dos povos autóctones, pela violência, escravidão, exploração do trabalho e aculturação.

Essa abordagem se torna fundamental na educação crítica, pois permite a conscientização e o empoderamento de minorias, ao mesmo tempo que representa dimensão humanizadora que não é centrada apenas no ser humano. Ela se contrapõe ao patriarcado, ao racismo e ao classismo, tornando-se pauta incontornável e necessária, portanto, ao incorporar as perspectivas do feminismo ecossocialista, podemos criar ambientes educacionais mais conscientes e inclusivos.

Ao refletir sobre a literatura selecionada, podemos vislumbrar o valor e a utilidade da bricolagem e do feminismo ecossocialista para realizar diferentes justaposições e entrecruzamentos em variadas fontes, abordagens teóricas, e favorecer experiências-existências suprimidas ou subalternizadas vindo a fortalecer a educação, necessariamente no caminho da humanização social e ambiental do planeta. Pensamos neste cenário como arte e filosofia do viver criativo. Isto exige dedicar esforços, persistência, incluir ética e estética, bem como rigorosidade, na implicação, profissionalização e curiosidade do/a pesquisador/a.

Por fim, o campo de pesquisa em educação investe na coerência da intenção em formar pessoas de modo integral ao aprender e construir conhecimentos que favoreçam diálogos significativos advindos de práxis de pesquisa. A nossa ancoragem teórica permite afirmar que a ciência contemporânea vem se modificando, abandonando o elitismo e a distância da sociedade em direção à pluralidade e complexidade. Existe o horizonte da inclusão e democratização e, com isso, há necessidade de valorizar uma educação aberta e dialógica com paradigmas convergentes. Esta dialogia precisa ser construída e ensinada na práxis pedagógica ao fomentar relações inteligível e sensível entre pessoas que almejam sociedades melhores para todas as pessoas.

Defendemos a importância de estudos de composição metodológica plural para reunir paradigmas convergentes em contraposição à fragmentação e o reducionismo da ciência tradicional hegemônica. Nesse sentido, a interdisciplinaridade, que pode ser favorecida pela bricolagem e pelo ecossocialismo feminista, oferecendo caminhos férteis para superar o isolamento e o individualismo por sua afinidade ontológica com a noção de diversidade da expressão de vida de sujeitos e com as diferenças de existências no mundo. Na nossa compreensão, especialmente, a pesquisa em educação não pode separar a formação humana da produção de conhecimentos, inclusive na consolidação de uma ciência contemporânea democratizadora e destinada à humanização das sociedades.

Referências

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA Tithi e FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BLACKBURN, Robin. Capitalismo. In: SCOTT, John. (org.). **Sociologia: conceitos-chave**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 36-41.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 195-204.

CURIEL, Ochy. **Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista**. Colômbia: Universidad Central Colômbia, 2007.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. O sétimo momento: deixando o passado para trás. In DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.389-406

DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la liberación**. Bogotá: Editorial Nueva America, 1996.

EGGERT, Edla., e SILVA, Marcia. Alves. da. (2012). Observações sobre pesquisa autobiográfica na perspectiva da educação popular nos estudos de gênero. **Revista Contexto & Educação**, 26(85), 51–68. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2011.85.51-68>

Ecosfera. In: LIMA-e-SILVA, Pedro Paulo de. et. al. **Dicionário Brasileiro de ciências ambientais**. Rio de Janeiro: Thex, 2002. p. 90.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Estética. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 91.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Ética. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 91.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Revista Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, 2009. Disponível em: <http://dspace.sistemas.mpba.mp.br/jspui/handle/123456789/478> Acesso em: 02 jan. 2023.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1997.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KINCHELOE, Joe. BERRY, Kathleen. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed. 2007.

MENESES, Maria Paula. Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias do conhecimento no Moçambique contemporâneo. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 221-260.

PETRONE, Talíria. Prefácio à edição brasileira. In: ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi e FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 11-22.

QUIJANO, Aníbal. “Bien vivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. In: _____. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 847-859.

VARGAS, Jorge. Osório. PEDAGOGÍA Y ÉTICA AMBIENTAL Valores y Democracia Deliberativa. **Revista Contexto & Educação**, 16(64), 2013, p. 27-35. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2011.64.27-35>

Contribuições para pesquisa em educação:
bricolagem e feminismo ecossocialista



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 30/11/2023
Aprovado em: 10/09/2024